

SISTEMA CORAL: LINHAS DE VIDA EM ASSEMBLEIA¹

Tina Coêlho
(FCSH-UNL/ISCTE-IUL - Portugal)

Palavras-Chave:

Povos tradicionais extrativistas, percepção ambiental, filme etnográfico.

Para um mergulhador estar na água é o mesmo que percorrer caminhos de caça em uma floresta tropical densa: sempre imprevisível e habitada. A principal diferença está no fato desta floresta estar submersa, exigindo do caçador habilidades fisiológicas diferenciadas. Sob a linha d'água é tudo adjacência. Este trabalho de investigação foi iniciado em 2018 durante o mestrado e hoje é parte integrante da minha pesquisa de doutorado em andamento. Tem em seu objetivo principal comunicar sobre as percepções socioambientais dos mergulhadores de apneia da Reserva Extrativista Marinha do Corumbau, localizada no Banco de Abrolhos, (Bahia-Brasil), frente ao aquecimento global, às mudanças climáticas e aos desastres ambientais ocorridos no ano de 2019, nomeadamente, o branqueamento dos corais (Duarte, et al., 2020), e o derramamento misterioso de petróleo no ambiente (Soares, et al., 2020). Os desdobramentos destes acontecimentos experimentados durante a pesquisa de mestrado, podem ser mensurados pela biologia, conforme observado nos artigos científicos, mas como captar as repercussões a nível cultural e socioambiental?

A partir do método etnográfico proponho o uso das imagens como ferramenta central e articuladora; de forma a dar espaço ao cruzamento de perspectivas culturais e comunicar o universo social subaquático. Assim, pretende-se gerar conteúdo polifônico, reflexão e conhecimento específico sobre a percepção socioambiental dos mergulhadores. Para dar conta da diversidade de detalhes e complexos imbricados de vidas e materiais relacionados a esta etnografia proponho a utilização do que, metaforicamente, chamo de *sistema coral*, e foi tomado como uma janela de observação privilegiada que permite compreender o impacto do aquecimento global à escala local. A câmara segue as linhas de vida, em busca da malha social. A escolha das imagens em detrimento da escrita foi feita a partir da enorme gama de detalhes e elementos sociais que podem estar contidas e

¹ “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.”

revisitadas, em apenas uma cena (Pink 2001, Rose 2016, Sautchuk 2013). Optei pelo uso do filme como principal forma de recolha de informação pois contém em si a capacidade de oferecer detalhes e de se posicionar de forma eficiente nos múltiplos elementos que compõem esta pesquisa. Conforme referido por Sautchuk (2013) o que se pretende é, deste modo, explorar mais a relação entre etnografia e filmagem, “como um meio potente para o engajamento etnográfico e a compreensão do significado das relações estabelecidas entre seres e coisas.” Neste contexto, conforme afirma Sarah Pink (2001), a opção pela utilização do filme em conjunto com as notas de campo, permite ao pesquisador uma maior compreensão dos fenômenos sociais, preservando as interações do que está sendo estudado. Permite acessar o material visual repetidas vezes, dando conta dos detalhes, das autorrepresentações e dinâmicas sociais dos participantes e dos elementos constitutivos da paisagem (Sautchuk 2003, Pink 2001).

A narrativa captada por imagens durante a investigação de mestrado, de outubro 2019 a março 2020, dá o tom e o tamanho do desafio ambiental local, mas principalmente aponta e alerta para a grave situação dos oceânicos do planeta como um todo. Neste curto período foram observados desastres socioambientais sem precedentes. Uma pequena lista de horrores que se inicia com o branqueamento em massa dos corais, com a perda média de 84% de uma das espécies construtora mais importante do Banco de Abrolhos, a *Millepora alcicornis* (Duarte et al, 2020); o aumento do nível do mar, levando casas e parte da praia; a chegada misteriosa de petróleo cru no território e, por fim, a falta de governança para lidar com todos estes problemas (Soares, et al. 2020). Estes desastres socioambientais, estão levando a consequente contaminação, perda de espécies e declínio dos estoques pesqueiros no ambiente (Banha et al. 2020, Duarte et al. 2020). É certo que muita coisa está a se transformar no ambiente marinho global, mas localmente este movimento se acelerou drasticamente com estes acontecimentos.

Para aprender sobre percepção ambiental é preciso estar em constante interação com estas linhas de vida, atenta às novas trajetórias e às recomposições constantes da malha social subaquática e terrestre. Um imbricado de linhas de vida, tecida a partir da interação entre os seres vivos e os materiais, em relação constante com o ambiente (Ingold 2015). Desta forma evoca-se aqui o conceito proposto por Marcel Mauss (1974) de fenômeno social “total”, que se refere a um conjunto amplo de fatos que se relacionam de forma complexa ao mesmo tempo. Para o autor tudo se mistura:

“Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, ao mesmo tempo e de uma só vez, toda espécie de instituições: religiosas, jurídicas, e morais – estas políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas – supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam estas instituições” (Mauss 1974: 41).

Assim, a partir da mistura complexa dos elementos é que se coloca a tentativa de entender a reciprocidade, o movimento e a circulação das coisas no mundo social onde se desenvolve esta pesquisa. Propõe-se aprender com os mergulhadores do Banco de Abrolhos, sobre suas percepções ambientais, com especial atenção aos efeitos climáticos e possíveis transformações do ambiente e do cotidiano das práticas tradicionais. Através da observação participante destas linhas e “atados”, é possível acompanhar as trajetórias destas linhas de devir dos seres, transformando-se em aprendizado do mundo e com ele. Como o conhecimento tradicional se reorganizará frente ao ambiente de comportamento cada vez menos previsível? Para dar conta do conjunto global de conexões que se encontram nestas zonas de atrito cultural (Tsing 2004), proponho esta investigação etnográfica filmica.

SISTEMA CORAL

“Se queremos saber algo sobre mudança ambiental, precisamos saber algo sobre os mundos sociais que as outras espécies ajudam a construir” (Tsing 2019; 128).

Uma das bases do conhecimento tradicional é a observação e vivência dos ciclos da natureza. O acúmulo destas sabedorias planetárias fez com que diversas populações no mundo pudessem seguir se adaptando, conforme as populações iam crescendo e avançando sobre os recursos impensadamente. Mas o que fazer em um mundo onde já não há mais para onde crescer e pouco ainda resta a ser coletado? O que fazer quando os ciclos naturais falham, impedindo colheitas e a sazonalidade observada por tantas gerações? O aquecimento global produz disjunções e desigualdades, e por consequência o conhecimento local sobre o meio ambiente se torna desestabilizado (Crate, 2011). Quais soluções serão pensadas em um planeta tão explorado e degradado de recursos e afetos de empatia?

Para Tim Ingold (2018), cada vida humana ou não humana, é uma linha em movimento que em sua trajetória está a compor o mundo vivente. As linhas por sua vez se entrelaçam umas com as outras ao longo do caminho. A partir deste cenário de relações visto em forma de malha, pude perceber a semelhança, com a imagem produzida a partir da plotagem dos pontos de mergulho percorridos durante a pesquisa do mestrado. A trajetória das linhas, percorrendo o ambiente de caça, juntas formavam uma trama feita por linhas de vida que interagiam entre seus elementos. Assim pude visualizar a relação entre os componentes desta malha, e perceber o fator central dos recifes de coral, como elemento estruturante e recorrente na narrativa e cosmologia dos mergulhadores. A partir desta reflexão cheguei ao nome metafórico do *sistema coral*, que defino como um campo multiespécies fundamentado nas assembleias dos seres e elementos que compõem o território de caça dos mergulhadores de apneia. Como recurso central desta pesquisa etnográfica utilizei a produção de imagens de forma a ressaltar o que Gibson (1986) e Ingold (2015, 2011) descrevem como a percepção engajada corporalmente no ambiente. Do ponto de vista da imagem os sinais que dizem respeito às percepções ambientais e que permitem “ler” a dinâmica da paisagem em movimento e que podem ser corporificadas. O sucesso da atividade do mergulho, depende exclusivamente da leitura destes sinais.

Seja pela observação das mudanças no padrão climático ou previsões falíveis do clima, a crise climática está alterando rituais e crenças seculares, influenciando a cultura e o modo de vida das populações (Crate, 2011). Porém é preciso compreender que estes conceitos nos dão apenas parte da imagem. Adaptação, vulnerabilidade e resiliência não dependem somente do sistema físico. É preciso pesquisar as implicações culturais, incluindo observações, percepções, e entendimento das respostas às tendências e impactos de mudança local. Urge, então, considerar os seres vivos em “assembleias de paisagem que surgem da justaposição de variados modos de fazer mundos” (Tsing, 2019: 263), transformando, realocando, mudando nichos ecológicos, remodelando ambientes naturais, onde o homem é apenas um dos elementos a serem rearranjados porque “nenhuma cosmologia singular pode ordenar uma paisagem sozinha” (ibidem). Perceber como estas composições são feitas, assimiladas e compreendidas pelos próprios agentes, localizados neste ambiente espacial, além de fazer compreender a interação ecológica entre humanos e não humanos neste processo de desequilíbrio pode ainda trazer soluções aos desafios ambientais.

“Quem descobriu a água não foi um peixe”
(Geertz 1996, 259).

A afirmação de Geertz (1996) quando relacionada ao objeto desta investigação; a percepção ambiental dos mergulhadores da Reserva Extrativista do Corumbau frente às mudanças climáticas globais, nos remete a um olhar imerso na malha social local, submerso no ambiente marinho. Faz-nos refletir que para descobrir “lugar” é preciso tomar a perspectiva do outro, não daquele lugar, mas do exterior olhando para dentro. Corumbau, na língua *patchorã*, falada pelos índios pataxós², habitantes da região do Monte Pascoal, primeiro avistamento português das terras brasileiras, quer dizer: longe de tudo. Até o início dos anos 2000, o escambo era moeda corrente e o espírito pacato do vilarejo de Corumbau permaneceu pouco alterado em seu cotidiano. Para perceber o contexto do lugar é preciso compreender o isolamento vivido pelos habitantes da zona. Encravado entre duas áreas de conservação federal, o Parque Nacional do Monte Pascoal e o Parque Nacional do Descobrimento, duas áreas de grande extensão, que juntas ultrapassam 45 mil hectares, e têm o objetivo de preservar o que restou da Mata Atlântica de toda a região. Segundo o INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais do Brasil, que realiza a série histórica “Atlas da Mata Atlântica”, o relatório de maio de 2019 estima que hoje pouco mais de 12% da área original tenha resistido ao crescente processo de desmatamento.

A paisagem degradada fora das áreas protegidas, é composta por pastagens quase improdutivas e tocos secos de árvores de grande porte, que um dia já foram a maior riqueza do país, o pau brasil. Junto com as árvores de pau brasil, desapareceram uma quantidade imensurável de tantas outras madeiras de lei, impossíveis de serem contabilizadas. Séculos de subtração das florestas que compunham o bioma foram desaparecendo, sem deixar rastro econômico de sua exploração no local. Para entender a importância deste ambiente para os oceanos e para a qualidade de vida do planeta, é preciso perceber a geografia do mar. A área está inserida no chamado Banco de Abrolhos, que representa a maior massa contínua de recifes de coral do Atlântico Sul (Leão, 2002). O território é responsável por salvaguardar uma representativa biodiversidade marinha, entre elas um importante marcador de qualidade ambiental, as baleias Jubarte (*Megaptera*

² Os pataxós vivem em aldeias no extremo Sul da Bahia e Norte de Minas Gerais. Ao redor de Corumbau existem várias aldeias, entre elas Barra Velha, a aldeia mãe e a aldeia Pará. A interação constante entre as populações faz com que haja forte influência cultural e social de ambos os lados

novaeangliae), que vivem parte do ano na Antártica, mas escolheram este trecho do planeta para nascer e acasalar.

De forma a garantir a sobrevivência de muitas espécies e o modo de vida da comunidade tradicional na zona, que sofria forte ameaça em seus estoques pesqueiros, foi criada a Reserva Extrativista Marinha do Corumbau (RESEX Corumbau), em 2000. Antes disso, na temporada de captura do camarão, as grandes frotas pesqueiras profissionais invadiam o território e pescavam de forma predatória. Os pequenos barcos da frota local sucumbiam à concorrência. No total a área protegida, de 89.996 hectares, contempla a população de pesca artesanal de nove comunidades de terra, porém é exclusivamente marinha. O fato de a área demarcada por decreto federal não ter inserido na sua criação a parte terrestre adjacente ao mar como área protegida, se mostrou insuficiente, na proteção do modo de vida da comunidade beneficiária.

Hoje a paisagem do povoado da Ponta de Corumbau, antes composta de pequenas casas de pescador à beira mar, se transformou bastante. A população tradicional está abandonando a costa. São vidas onde o mar já não é mais o elemento central. Se por um lado a criação da reserva extrativista manteve garantido os recursos marinhos, por outro lado, não garantiu a continuidade da vida tradicional em terra, nem das práticas culturais e percepções ambientais cotidianas. Desta forma nota-se aqui o que Diegues (1993) afirma ser o “mito da natureza intocada”, onde as ações protetivas estão tão focadas na preservação ambiental, que acabam por desconsiderar a população tradicional em suas necessidades básicas de coabitação com o espaço protegido. Como manter esta relação estreita, se a cada dia os pescadores moram mais afastados do mar? A observação feita pelo mergulhador de apneia Gileno Vulga reflete a implicação direta deste assunto para o futuro próximo:

“Hoje as crianças não brincam mais na beira da praia, muitos moram longe do mar e isso atrapalha o conhecimento delas. Atrapalha o amor delas com o mar. Daqui a pouco vai ter criança, que não vai saber nadar.”

Durante o verão a maioria dos jovens realizam trabalhos temporários dentro da cadeia do turismo. A cada ano, menos indivíduos se dedicam às atividades da pesca artesanal, sobretudo no que diz respeito ao mergulho subaquático. Ao longo dos anos o que se observa na beira do mar é que a paisagem está se transformando a cada dia. A população tradicional está vendendo suas casas e se mudando para territórios mais distantes, longe do mar. Neste movimento sem retorno, deixam seus locais de nascimento,

forçosamente renunciando à relação diária e rotineira com o mar e seus recursos. Esta observação nos conduz à pergunta: o que define um pescador? O contato estreito e contínuo com o oceano ou as tradições que se guarda apenas na memória?

Proponho por meio de uma antropologia multiespécie evidenciada por Tsing (2019), investigar as vidas em suas ligações, percorrer as linhas do devir e aprender com os movimentos e as relações intrínsecas das pessoas, animais e coisas, com o ambiente oceânico. São vidas em sinergia ameaçadas em seu movimento habitual de aprendizado “sócio-biológico-espacial” lento e em constante atualização. Algo está a mudar rapidamente é preciso agregar conteúdos multidisciplinares a estas questões do Antropoceno, situando o assunto das mudanças climáticas com cuidado na teia das conexões que compõem os agenciamentos locais. Focalizado à microescala proposta, a dimensão da tragédia socioambiental experimentada durante o período de investigação do mestrado³, toma vulto ainda maior ao rever as imagens produzidas. No filme “Sistema Coral – Linhas de Vida em Assembleia”⁴, parte integrante desta comunicação, a fragilidade da vida, humana e não humana, fica exposta. O filme retrata o universo dos mergulhadores de apneia onde o aquecimento global e o desastre ambiental provocaram mudanças acentuadas no cotidiano, no clima, nos estoques pesqueiros e na dinâmica social da população tradicional com os recursos naturais. As filmagens coincidiram com dois grandes desastres ambientais: o branqueamento dos corais e o ainda hoje misterioso derramamento de petróleo. A câmera opera dentro e fora d’água, captando as relações sociais existentes, convidando o espectador a perceber o universo social subaquático pouco visível para um observador comum: o *sistema coral*. A câmera segue as linhas, acompanhando, buscando a união da vida e dos materiais. Frente à escassez de publicações científicas sobre esta realidade social oceânica, o material resultante poderá contribuir para a formulação de políticas públicas locais direcionadas aos mergulhadores, bem como para a valorização sociocultural do universo dos pescadores artesanais.

As técnicas de recolha de informação incluem a observação participante (Spradley 1980), a filmagem e acompanhamento das práticas, além de entrevistas não estruturadas. Tendo em conta os conceitos de *fricção* (Tsing 2004) e *assembleia* (Tsing 2019[2017], 263), pretende-se aprender como vivem e se relacionam com o ambiente marinho, os

³ “*Corpus Inscriptionum*: Mergulhadores de Corumbau” <http://hdl.handle.net/10362/131594> (acedido em 08/02/2022)

⁴ Link para Visionamento: <https://tinacoelho9.wixsite.com/corpusinscriptionum> (acedido em 08/02/2022)

“‘terranos’, humanos adaptados ao sistema de vida não tecnológico” (Haraway 2020). Aqueles que nunca tiveram acesso ao sonhar estar fora da Terra, aqueles que não têm escolha de escapar do Antropoceno. Porque é preciso “aterrar” de volta à Terra (Latour, 2020). Espera-se, deste modo, aprender sobre os movimentos e percepções ambientais, por meio da convivência estreita, cooperativa, e de longa duração. Mergulhando, filmando, acompanhando e dividindo as atividades cotidianas, percorrendo os transectos de caça, interagindo socialmente, criando laços.

Assim partindo das bases propostas por Malinowski (2002 [1922]) para o método etnográfico, "devemos estudar aquilo que liga o homem à vida." Nesta etnografia destaco a abordagem metodológica proposta por George E. Marcus (1998 [1995]), pois complementa muito bem os esforços de Malinowski em seu intento de desvendar o mundo em que vivemos a partir da perspectiva do outro. Marcus (1995) nos mostra a necessidade de seguir empiricamente o fio condutor dos processos culturais para entendê-los. Assim, como exercício de construção do espaço multilocal proponho seguir os mergulhadores e permanecer com os movimentos. Proponho seguir as linhas de vida me utilizando das imagens como forma de materializar as expressões culturais. As histórias de vida e experiência das práticas, revelam justaposições de contextos sociais interessantes que podem funcionar como guias da delimitação de espaços etnográficos. A etnografia estrategicamente situada tenta entender de maneira ampla o sistema e ao mesmo tempo, os sujeitos locais. Minha condição de “observadora mergulhadora” possibilita acompanhar de forma direta, de dentro d’água, as práticas. A dinâmica deste trabalho etnográfico consiste em seguir o mergulhador captando imagens cotidianas da sua atividade. Para tanto, enquanto o mergulhador caça o peixe, eu, para conseguir filmar a caçada, caço a caça do mergulhador. Frente a tantas transformações, quais serão os desdobramentos de ordem cultural e socioambiental na vida da comunidade? Haverá alteração nas práticas de caça e coleta? Que novas percepções ambientais e movimentos de adaptação vão emergir? Os fatos observados durante a pesquisa de campo do mestrado, e registrados em filme, terão graves consequências no panorama futuro desta população. As transformações observadas até aqui, já estão gerando impacto na economia, aumentando ainda mais a vulnerabilidade da vida desta comunidade (Câmara 2020). Assim, propõe-se observar de forma participativa e simétrica, como estas comunidades percebem, interagem e se relacionam com as transformações sofridas no meio ambiente e como tudo isso se relaciona com o mundo em que vivemos. Poderiam estes

conhecimentos tradicionais falhar, frente a tamanhas e profundas transformações? Quais soluções serão pensadas?

As respostas a todas estas perguntas talvez nunca sejam encontradas a curto prazo. Porém o desafio proposto é descobrir caminhos, propostas interdisciplinares entre pensamentos antropológicos inclusivos e extensivos a outras formas de existência. Para Donna Haraway (2020): “Precisamos aprender com os povos que nunca saíram da Terra. Eles nunca pararam de viver de forma terrestre.”⁵ A vivência adquirida com o curto período de investigação, mas de grande aproximação com as pessoas, me fez perceber que há muito ainda a ser escutado destes humanos que se relacionam com o planeta sem a muleta das tecnologias. Neste sentido, acredito que a produção imagética de conteúdo antropológico, pode ser uma ferramenta poderosa. As imagens têm poder de comunicação, conseguem captar os outros em seu manifestar e levar a mensagem adiante, estimulando a reflexão. Pretende-se gerar novos conteúdos e aprofundar o nível dos estudos já existentes, de forma a subsidiar conhecimento crítico sobre a forma humana de se relacionar com os outros seres e recursos marinhos cada vez mais escassos. Como se dará a construção desta adaptação? Como o conhecimento tradicional se reorganizará face à imprevisibilidade dos fenômenos ambientais? A partir deste estudo de caso, tendo em perspectiva a situação de vulnerabilidade da população de Corumbau, pretendo dar visibilidade e aprofundamento a estas questões.

A CAÇADA FINAL

Finalizo esta comunicação apontando apenas algumas linhas de pesquisa deste emaranhado de vidas em assembleia aqui brevemente descrito. Insisto na tentativa de unir pontes e pontas a partir das reflexões advindas com a experiência do trabalho de campo. A sequência de fatos e seus futuros impactos, não só no meio ambiente, mas também na vida humana, indicam a necessidade em seguir as pistas investigando a malha. Frente aos prováveis desdobramentos dos fatos ocorridos ficam ainda muitas perguntas: quem cuidará da saúde desta população que se expôs ao petróleo? Quais serão os movimentos adaptativos frente ao declínio de pescados? De que forma a perda de espécies vai impactar o sistema coral? Em um mundo de dimensões cada vez mais líquidas, onde nada é feito

⁵ Fala retirada durante Colóquio *Critical Zones*, 2020, no debate do filme: “Storytelling for Earthly Survival” com Donna Haraway (bióloga, filósofa e feminista), Bruno Latour e Peter Weibel https://www.youtube.com/watch?v=j-2r_vl2alg (acedido em 25/05/2021)

para durar e o Estado protege cada vez menos o cidadão (Bauman, 2007), cabe acrescentar ao artigo de Duarte e equipe (2020), que se referiam à biologia dos corais, ainda outra população em vulnerabilidade; a dos pescadores artesanais e mergulhadores que estão intimamente ligadas à saúde dos corais. Saliento, entretanto, que a sua vulnerabilidade vai além da finitude dos recursos: abala a reprodução dos laços sociais entre as espécies além da continuidade cultural e produção do conhecimento tradicional.

No último dia no terreno saio para a mais fácil de todas as caçadas: o alvorecer. Espero paciente mais um espetáculo do astro rei, sem sair do lugar. Nenhuma alma viva na praia, só pássaros e a beleza do lugar. Na paisagem, os barcos ancorados dançam ao vento terral suave. No mar um pescador solitário recolhe a rede na esperança de ter garantido o alimento diário da família. Na pequena canoa de madeira vai conduzindo a embarcação a remo no meio da correnteza, bem na ponta de areia. Navega a remo na correnteza do canal. Filmo o movimento ainda discreto na praia, um pescador aparece para conferir a maré e checar a posição dos seus barcos. De longe me vê e se aproxima. Nossa conversa, em um primeiro momento, gira em torno da pesca, suas expertises e sabedorias sobre o ambiente e depois se aprofunda falando sobre a vida. Ele quer falar, quer deixar expresso seu pensamento, sua forma de ver. O inesperado rumo da prosa me surpreende, despertando ligações ainda não pensadas anteriormente. Tal e qual escrito pelo antropólogo Roberto da Matta (1978), evoco aqui o entendimento do termo “Anthrophologycal Blues”. A conversa curta, porém profunda disparou a percepção do abismo existente no modo de vida entre as duas últimas gerações. A oposição da trajetória de vida e nos querereres do pai, e do filho, é flagrante. O pai, mesmo tendo conseguido construir um bom patrimônio com a pesca artesanal, segue a vida e o dia a dia com, praticamente, os mesmos hábitos de vida, consumo e alimentação. Segue resiliente à margem da modernidade, resiste a modificar seu modo de vida. Não deixa de ser uma forma de resistência silenciosa, individual. Um tipo de resiliência às transformações socioambientais ao seu redor, que tem deixado a vida cada vez mais difícil de ser “ganhada”. A não aceitação do modo de vida “branco”, como ele mesmo se refere, evidencia esta percepção. O pai, não compreende a necessidade do filho em ter tantas coisas:

“(…) gasta dinheiro com roupa, sapato, cueca, celular e aparelhagem de som. Perde as coisas, não dá valor. De tudo ele tem, e tem muito. Quem pode precisar de tanta coisa na vida?”

Coça a cabeça pensativo, reflete sobre o que disse em silêncio. Na sequência olha para o mar e percebe mais um sinal na paisagem: um enorme cardume de tainha está bem pertinho da areia. Sorrimos, sem nenhuma palavra ele pede licença com os olhos e volta para casa em busca da rede para capturar mais esta oportunidade. A percepção do ambiente e das oportunidades de coleta e caça não pode ser desperdiçada nunca.

Dessa forma assim como o mergulhador caça o peixe a todo instante, percebo que durante toda a pesquisa também estive a caçar momentos, vivências e imagens. Porém diferentemente do mergulhador que intenciona capturar o peixe, descobri que precisava focar no conjunto de seres e sinais também. Para caçar o mergulhador, capturando imagens por assim dizer, era preciso ver o peixe antes dele, aprender os sinais também e trabalhar a visão periférica no ambiente subaquático. Do contrário, não conseguiria filmar toda a ação. Entendo ao final, que como os mergulhadores, eu também estava a caçar, e a aprender com a experiência. De certa forma, durante a captação de imagens, eu também estive a caçar... Caçar instantes que simbolizassem por meio de imagens, o que Malinowski descreveu como sendo o *corpus inscriptionum*, o espírito e expressão cultural deste grupo e deste universo referente aos mergulhadores de apneia e seu contexto socioambiental.

A observação participante realizada ao longo da primeira fase desta pesquisa, me conduziu não às respostas esperadas, mas pelo contrário, à formulação de ainda mais perguntas e inquietações, a partir das vivências ao longo do percurso. A percepção e leitura do *SISTEMA CORAL* como um imbricado de agentes de natureza singular, permitiu-me visualizar processos intrínsecos destes elementos, em equilíbrio ou não. Procurei aprender sobre as relações existentes e suas dinâmicas de vida. Desta forma, esta comunicação chama a atenção para as estratégias adaptativas, à medida que as mudanças climáticas avançam, ultrapassando os limites da variação máxima dos ecossistemas. Como a vida será afetada a médio e longo prazo?

BIBLIOGRAFIA

Câmara, Samuel Façanha, Francisco Roberto Pinto, Felipe Roberto da Silva, Marcelo de Oliveira Soares, and Thiago Matheus De Paula. 2021. "Socioeconomic Vulnerability of Communities on the Brazilian Coast to the Largest Oil Spill (2019–2020) in Tropical Oceans." *Ocean and Coastal Management* 202 (December). <https://doi.org/10.1016/j.ocecoaman.2020.105506>. (acedido em 25/08/2022)

Crate, Susan A. 2011. "Climate and Culture: Anthropology in the Era of Contemporary Climate Change." *Annual Review of Anthropology* 40: 175–94. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.012809.104925>. (acedido em 25/08/2022)

Diegues, Antonio Carlos. 1993. *Populações Tradicionais Em Unidades de Conservação: O Mito Da Natureza Intocada*.

Duarte, Gustavo A.S., Helena D.M. Villela, Matheus Deocleciano, Denise Silva, Adam Barno, Pedro M Cardoso, Caren L.S. Vilela, et al. 2020. "Heat Waves Are a Major Threat to Turbid Coral Reefs in Brazil." *Frontiers in Marine Science*, 2020. <https://doi.org/10.3389/fmars.2020.00179>. (acedido em 25/08/2022)

Haraway, Donna (2007) *When species meet*, Minneapolis: University of Minnesota Press

Haraway, Donna. 2016. "Staying with the Trouble: making kin in the Cthulucene." Duke University Press. Durham and Londres.

Ingold, Tim (2018 [2015]) *La Vida de las Líneas*, Santiago de Chile: Universidad Alberto Hurtado

Ingold, Tim. 1993. "The Temporality of the Landscape." In , Cap XI:189–208.

Ingold, Tim. 2010. "Bringing Things to Life: Creative Entanglements in a World of Materials'." *World* 44 (July): 1–25. www.manchester.ac.uk/realities. (acedido em 25/05/2021)

Ingold, Tim. 2015 [2011]. "Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição." (Petrópolis-RJ: Vozes)

Geertz, Clifford. 1996. Afterword. In *Senses of Place*, ed. S Feld, K Basso, pp. 259–62. Santa Fe, NM: SAR Semin. Ser

Gibson, James. 1986. "The ecological approach to visual perception". Nova York: Psychology Press

Latour, Bruno. 2014. "Para Distinguir Amigos e Inimigos no tempo do Antropoceno". *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP. 2014, V 57(1), (11-31).

Latour, Bruno. 2020. *Critical Zones*, Bruno Latour entrevista Donna Haraway durante colóquio *Critical Zones*. https://www.youtube.com/watch?v=j-2r_vI2alg (acedido em 25/08/2022)

Leão, Z.M.A.N. 2002. Abrolhos, BA - O complexo recifal mais extenso do Atlântico Sul. In: Schobbenhaus, C.; Campos, D.A. ; Queiroz, E.T.; Winge, M.; Berbert-Born, M.L.C. (Edits.) Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil. 1. ed. Brasília: (SIGEP), 2002, v.01: 345-359. <http://sigep.cprm.gov.br/sitio090/sitio090.htm> (acedido em 25/08/2022)

MacDougall, David. 1997. “De quem é essa estória?” Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, 5(2): 93-105.

MacDougall, David. 1999. “Transcultural Cinema” Lucien Taylor, Princeton University Press. Capítulo 4 (Beyond Observational Film); cap 8 (Ethnographic film: failure and promise) e cap 13 (Transcultural Cinema).

Malinowski, Bronislaw, 2002 [1922], “The Argonauts of the Western Pacific”, London, Routledge.

Mauss, Marcel. 1974. “Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.” In: . Sociologia e antropologia. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP,.

Marcus, George, 1998 (1995), “Ethnography in/ of the World System. The Emergence of Multi-Sited Ethnography”, Ethnography through Thick & Thin, 79-104.

Pink, Sarah. 2001. “Doing Visual Ethnography – Images, Media and Representation on Research. SAGE Publications

Rose, Guillian. 2016 [2001]. Visual Methodologies – An Introduction to Researching with Visual Materials. SAGE Publications

Sautchuk, Carlos Emanuel. 2013. “Cine-Arma: a poiesis de filmar e pescar” Série Antropologia, vol 440. DAN - Universidade de Brasília

Soares, Marcelo de Oliveira, Carlos Eduardo Peres Teixeira, Luís Ernesto Arruda Bezerra, Sandra Vieira Paiva, Tallita Cruz Lopes Tavares, Tatiane Martins Garcia, Jorge Thé de Araújo, et al. 2020. “Oil Spill in South Atlantic (Brazil): Environmental and Governmental Disaster.” Marine Policy 115 (February). <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2020.103879>. (acedido em 25/08/2022)

Spradley, J. P., and Baker, K. 1980. “Participant Observation (Vol. 195). New York, Holt, Rinehart and Winston.

Tsing Anna. 2004. Friction: An Ethnography of Global Connection. Princeton: Princeton Univ. Press

Tsing, Anna. 2019. “Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno” Brasília: IEB/Mil Folhas.